
Longy-abaré – O Encontro de Sábios/as da Natureza nas memórias e identidades do povo Xukuru do Ororubá pernambucano

João Luiz da Silva Vieira¹

Resumo: O Encontro de Sábios/as da Natureza – Longy-abaré ocorre anualmente no Território Indígena Xukuru do Ororubá com o objetivo de compartilhar os saberes com o povo, sobretudo aqueles ligados à agricultura. O trabalho descreve e interpreta as relações entre as memórias e a identidade do povo em pauta através do método da história oral, visto que as narrativas proferidas por ocasião do encontro representam as vidas dos sujeitos e suas concepções de natureza. Ao mesmo tempo, foram realizadas observações diretas em campo para registros de imagens e áudios. Os discursos observados externam a memória biocultural e a identidade coletiva dos indígenas, fortalecendo os laços que eles possuem com o seu território.

Palavras-Chave: povos indígenas, identidade territorial, memória biocultural, sábios da Natureza, Geografia Indígena.

Abstract: The Meeting of Wise Men and Women of Nature (Longy-abaré) takes place annually in the Xukuru do Ororubá Indigenous Territory with the objective of sharing knowledge with the people, especially those linked to agriculture. The work describes and understands the relationships between the memories and the identity of this people through the method of oral history, since the narratives given at the meeting represent the lives of the subjects and their conceptions of nature. At the same time, direct observations were made in the field for records of images and audios. The observed discourses express the biocultural memory and collective identity of the indigenous people, strengthening the ties they have with their territory.

Key Words: Brazilian indigenous people, territorial identity, biocultural memory, wise of nature, Indigenous Geography

Introdução

Para as pessoas que habitam o semiárido nordestino, sobretudo aquelas que vivem da agricultura, a chuva é uma preocupação recorrente. Conseguir prever os períodos chuvosos

¹ Indígena Xukuru do Ororubá. Atualmente mestrando no Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFPE, sob orientação do Prof. Dr. Caio Augusto Amorim Maciel

pode ser o diferencial entre um ano produtivo ou escasso. Nesse contexto, são importantes, por exemplo, os “profetas das chuvas”, sertanejos que observam comportamentos da natureza e fazem previsões meteorológicas para o ano ou mês (Taddei, 2005; 2006; Bruno & Martins, 2008). Em alguns casos e lugares, são realizados encontros para serem discutidas e compartilhadas essas observações (Pennesi, 2007).

Entretanto, “o sertanejo é, antes de tudo, um índio”² e esses saberes do semiárido possuem relações com a vasta experiência indígena na região, como traz Lima (2017). Da mesma maneira que há, no Ceará, o Encontro Anual de Profetas da Chuva em Quixadá (Pennesi & Souza, 2012), ocorre em Pernambuco o Encontro de Sábios/as do Povo Xukuru do Ororubá – Longy-abaré. Os eventos não possuem relações diretas, mas provavelmente partilham de saberes de uma mesma origem ancestral.

Esse encontro reúne pessoas de diversas idades para falar e ouvir saberes reunidos a partir de experiências³ ao longo do ano, sobretudo acerca da chuva e dos sinais da Natureza. Os rituais religiosos também fazem parte deste momento, que acontece num espaço sagrado, como será discutido neste trabalho.

O evento traz ainda reflexões sobre o próprio modo de vida do povo Xukuru do Ororubá, que fora oprimido durante séculos, tendo suas práticas culturais recriminadas até a homologação do território, em 2001. Observar e entender as narrativas dos/as sábios/as fortalece a identidade do povo a partir da memória e da resistência, pois a reunião é um momento ímpar de socialização e compartilhamento de modos de viver. Nesse contexto, este trabalho busca compreender as relações entre os saberes tradicionais e o povo em questão, refletindo sobre os aspectos identitários e religiosos que mobilizados no Encontro de Sábios/as – Longy-abaré.

Para tanto, lançou-se mão da pesquisa bibliográfica, sendo consultados artigos científicos, teses e livros, além de observações diretas em campo para registros fotográficos e de áudio, bem como do aproveitamento da própria experiência do autor enquanto parte do povo estudado. As narrativas foram consideradas como história oral ao retratarem vivências e memórias dos sujeitos (Delgado, 2006).

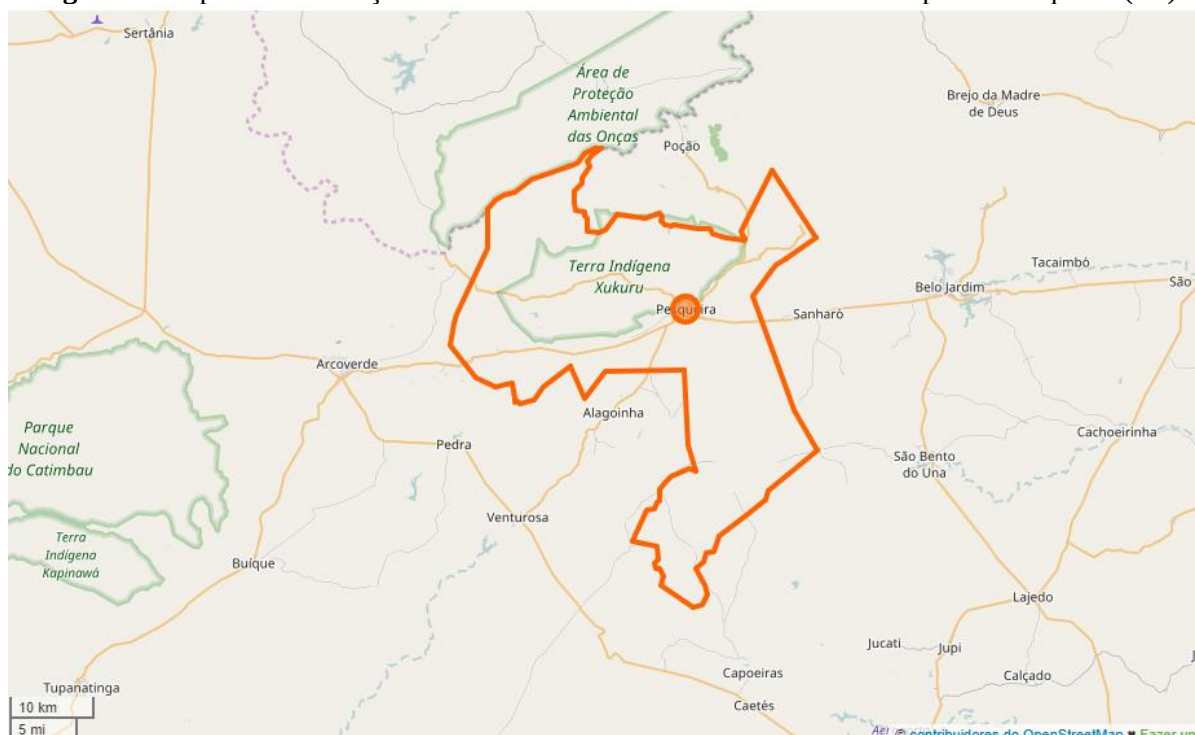
² Eduardo Rivail Ribeiro, criador e administrador da Biblioteca Digital Curt Nimuendajú, que reúne artigo e livros raros acerca dos povos indígenas, citou essa frase parafraseando Euclides da Cunha (2018 [1902]:88): “o sertanejo é, antes de tudo, um forte”.

³ No povo Xukuru do Ororubá, assim são chamadas as práticas de observação da Natureza a partir de quem é sensível às mudanças desta.

Os Xukuru do Ororubá

O Território Indígena⁴ Xukuru do Ororubá (Figura 1) possui 27.555 hectares inseridos majoritariamente no município de Pesqueira-PE, mas alcança ainda o município de Poção-PE. Atualmente, cerca de 12.000 indivíduos habitam nas 24 aldeias que compõe este espaço.

Figura 1: Mapa da demarcação do território Xukuru do Ororubá no município de Pesqueira (PE)



Fonte: Open Street Map (adaptado)

A história conhecida desse povo⁵ remete a meados do século XVII, após a elevação da densidade demográfica no litoral em decorrência da expansão da atividade canavieira (Silva, 2007). Desse modo, a criação do gado foi sendo direcionada para o interior da colônia e os/as indígenas na região viram suas terras sendo invadidas. Como comenta Medeiros (1993), os

⁴ Preferiu-se aqui usar o termo “território indígena” a “terra indígena”, visto que as memórias, vivências e identidades permeiam os conceitos de território e territorialidade. Além disso, o termo território é amplamente utilizado pelo povo Xukuru do Ororubá para se referir às suas terras.

⁵ A história da ocupação dos territórios de povos autóctones é longa e complexa, não cabendo detalhar neste trabalho. Para mais referências sobre o povo Xukuru do Ororubá e outros povos indígenas no Nordeste, recomenda-se: Dantas (2015), Fialho, Neves e Figueiroa (2011), Medeiros (1993), Pacheco de Oliveira (2004; 2011), Pinto (1935; 1938), Porto Alegre (1993), Silva (2008), Souza (1992).

Oratorianos⁶ receberam sesmarias e fundaram aldeamentos, na tentativa de catequizar os povos originários, utilizando-os como mão de obra também.

Paulatinamente a presença latifundiária foi se estabelecendo na região a partir de doações de sesmarias (Medeiros, 1993; Silva, 2008), aumentando as perseguições aos Xukuru. Tanto os Oratorianos como os fazendeiros da região renegaram muitas práticas culturais dessa etnia, pois “no movimento de colonização e recolonização nega-se a existência da cultura e dos saberes locais” (Saquet, 2019). Entre elas pode-se citar o Toré⁷ e agricultura tradicional, deixando marcas no modo de vida do povo até os dias atuais.

Para o assunto em discussão, é importante observar alguns marcos temporais mais recentes. Assim, na década de 1990 houve vários movimentos pela retomada das terras Xukuru, culminando na homologação do território em 2001. Após esse momento, houve a necessidade de se refletir a gestão territorial (Araújo, 2013). As Cartas das Assembleias Xukuru (Ororubá Filmes, 2020) apontam a agricultura como principal resposta, visto que era uma demanda da época das retomadas. Após 500 anos de colonização, os povos originários reelaboraram práticas culturais e modos de vida, onde a lida com a terra é expressão e matriz de indianidades contemporâneas.

A chamada “agricultura do encantamento”, ou ainda “agricultura do sagrado”, denota uma relação entre as atividades agrícolas e os elementos sagrados e ancestrais do povo, além de possibilidades de reinvenção e reafirmação identitária frente a ideologia violenta do agronegócio e da estrutura de poder latifundiário. Ordônio, Vieira e Maciel (2019:5-6) trazem essa discussão ao dizer que:

Para o povo Xukuru, a agricultura é modo de vida. É uma atividade que vai além do plantar, colher e comer. Nas práticas culturais desse povo, a agricultura está correlacionada a outros âmbitos, especialmente na religião. [...] a agricultura evoca práticas antigas, heranças culturais que rememoram conhecimentos ancestrais [...].

Esta prática é tida como modo de vida do povo Xukuru, sendo orientada pela força encantada e reforçando a identidade étnico-territorial dos indígenas, visto que a agricultura “é

⁶ Membros da Congregação do Oratório ou Ordem de São Felipe Néri, organização católica fundada em Portugal, que chega ao Brasil em meados do século XVII sob responsabilidade do Padre João Duarte do Sacramento (Medeiros, 1993; Silva, 2008).

⁷ Ritual religioso de múltiplos significados, comum a várias etnias no Nordeste, sendo, por vezes, um sinal identitário (Grünnewald, 2005)

um elemento relevante na construção e no fortalecimento da identidade territorial associada a uma afirmação étnica que remonta a uma memória coletiva ancestral do povo indígena em questão” (Vieira; Araújo; Ordônio; Maciel, 2020), uma vez enaltece o ser Xukuru e sua relação com o território.

Eduardo Xukuru⁸ conta ainda que a ideia de agricultura do sagrado surgiu a partir da concepção das três Naturezas, que se relacionam como uma só. Os conceitos foram falados por um encantado⁹ no dia da reativação do Terreiro da Boa Vista.

Aí o encantado baixou nela e aí ele dá a notícia para nós, dá o recado: ‘prestem atenção no que vocês estão fazendo. Vocês estão acabando com a nossa morada. A mata é nossa morada e vocês tão acabando. Ao fazer agricultura, vocês tão destruindo a nossa morada. Todos nós estamos doentes’. Aí a gente perguntou: ‘como podemos ajudar?’. E ele falou: ‘Plantem árvore. Preservem árvore. Entrem na mata, façam agricultura, mas deixem as três Naturezas. Deixem a Natureza Biológica, deixem as árvores, porque é nossa morada. Deixem essa Natureza e a Natureza Espiritual vai ficar’. Ou seja, o termo Natureza Espiritual. A Natureza Sagrada vai ficar, porque a gente mora nas árvores. ‘E deixem também a Natureza Humana. Não se esqueçam que vocês também são Natureza’.

Nota-se que são concebidas três Naturezas, porém elas interagem entre si e orientam a visão de mundo do povo Xukuru, sendo esta a perspectiva de Natureza adotada neste trabalho, correlacionando o mundo espiritual, biológico e social do povo em questão. Outro ponto importante na fala é a presença dos encantados. Para o povo Xukuru, as pessoas quando morrem se encantam e continuam a orientá-los em momentos importantes, como durante as retomadas, eventos e rituais.

Apesar das perseguições, muitos dos saberes do povo foram repassadas através das gerações, criando uma memória biocultural, ou seja, a ideia de se manter e reproduzir aspectos biológicos e culturais do povo ((Toledo & Barrera-Bassols, 2015). Esses conhecimentos se mantiveram em “ilhas de resistência”, como traz Araújo (2013:73): “eran porciones de resistencia en un mar de dominación; habrían logrado asegurar la supervivencia de un estilo de vida Xukuru, preservando cultura y alegrías en un contexto bastante desfavorable”.

Nessa leitura, as ilhas de resistência são os núcleos familiares que preservaram as práticas culturais apesar de cercadas pelos latifúndios e modos de produzir que os oprimiam.

⁸ Nome fictício. Registro de áudio feito em 19 de outubro de 2019 no CAXO da Boa Vista.

⁹ Os encantados remetem aos ancestrais do povo Xukuru que já se foram, mas continuam presentes para os iluminar e orientar.

São exatamente esses atos que embasaram e deram origem ao Encontro de Sábios/as do Povo Xukuru – Longy-abaré, a fim de abranger esses saberes em prol da agricultura do encantamento.

Longy-abaré: o Encontro de Sábios/as da Natureza

Lucas Xukuru¹⁰ conta que em meados de dezembro de 2012, no auge da seca no Nordeste, houve um pequeno evento no Centro de Agricultura Xukuru do Ororubá da Boa Vista (CAXO da Boa Vista), porém perceberam que aquele ainda não era o melhor momento para que o encontro acontecesse:

A gente descobriu que o melhor momento para realizar esse encontro era no final de janeiro, porque no meio de janeiro ainda tinha experiência da barra, inclusive lá na virada do ano, na mata, e também pegando um pouco do calendário de Santa Luzia, se não me engano. Então, ainda adentrava o mês de janeiro e as pessoas disseram: “olha Lucas, o melhor momento para fazer a socialização desse encontro é no finalzinho de janeiro”.

Visto que o principal objetivo do evento era “que nessa situação da Natureza, as pessoas pudessem plantar de acordo com o tempo, plantar, cultivar e colher”, como disse Lucas Xukuru. Era impraticável que o evento ocorresse antes de algumas experiências, como o calendário de Santa Luzia e a leitura da barra, sendo esta realizada por bastante pessoas no território. Desse modo, o encontro passou a ocorrer ao último domingo de janeiro, em consonância com a sazonalidade das práticas de observação.

Em 2013, houve o primeiro Encontro de Sábios/as do Povo Xukuru – Longy-abaré. No idioma Xukuru, “longy” significa “ver, observar” enquanto “abará” se explica como “silêncio”. A explicação do termo é dada por Lucas Xukuru logo no início do evento:

O nome desse encontro, e isso surgiu também aqui no Terreiro, a gente chama de Longy-abaré. Longy “olho, observar, ver, enxergar”. Abaré “silêncio interior”. Não é simplesmente calar a boca, mas um silêncio interior no sentido de concentração. Ou seja, observe esse silêncio interior. Para ler a Natureza ou para partilhar saberes, antes disso vem esse silêncio interior, esse poder do silêncio. Então Longy-abaré significa o poder do silêncio. Nós acreditamos que as pessoas que possuem essa sensibilidade e que querem partilhar essa experiência de vida passam interiormente por esse processo de interiorização, de concentração e de ver a Natureza não de forma diferente, é da forma que de fato deve ser ou deveria ser.

“Observar em silêncio” – não apenas o silêncio no sentido físico, mas também espiritual, interior, uma meditação, uma preparação para ouvir os conhecimentos ancestrais

¹⁰ Nome fictício. Registro de áudio feito em 27 de janeiro de 2019 no CAXO da Boa Vista.

dos/das sábios/as, saberes esses que são fundamentais para a construção e fortalecimento de uma identidade atrelada ao território, nos termos de Saquet (2019), bem como em íntima relação com o entendimento do mundo, da Natureza e dos ritos.

O evento ocorre sempre no Terreiro da Mata Sagrada da Boa Vista, um espaço sagrado destinado principalmente à prática do Toré. Roberta Xukuru¹¹ conta que durante o processo de reativação do Terreiro um encantado incorporou uma das pessoas presentes e pediu que fosse feita uma agricultura que não desmatasse, que preservasse as matas, uma vez que lá é a morada deles. Assim, observa-se que os objetivos do evento estão alinhados com este princípio.

Contudo, outros elementos surgem nesse evento. Araújo e Souza (2018:3) apontam que “fortalecer a cultura e a identidade étnica, esses são também objetivos desse encontro”, uma vez que a agricultura com base ancestral é uma marca identitária do povo em questão e foi um dos principais motivos do início dos movimentos de retomada pela terra (Vieira, 2018).

No dia do evento, o peji¹² é ornado com sementes trazidas pelos participantes (Figura 2). Ao povo Xukuru do Ororubá, as sementes não são necessariamente os grãos, mas sim qualquer forma de se gerar vida. Desse modo, são ali depositadas raízes, mudas, flores, etc. No encontro de 2019 até mesmo uma caixa de abelhas nativas foi colocada, visto que produz o mel utilizado inclusive nos rituais.

Figura 2: Peji durante VI Encontro de Sábios/as do Povo Xukuru do Ororubá



Fonte: Arquivo pessoal (VIEIRA, 2018).

¹¹ Nome fictício. Registro de áudio feito em 19 de outubro de 2018 no Terreiro da Mata Sagrada da Boa Vista.

¹² Espécie de altar que fica no centro do Terreiro, onde os frequentadores fazem preces e acendem velas.

O encontro se inicia pela manhã, por volta das 10 horas, com uma explanação do evento, resgatando a história da iniciativa e do Terreiro. Em seguida, o pajé faz uma reza, puxa um ponto (um dos termos utilizados para as canções religiosas) e se inicia um Toré com as pessoas dançando em espiral ao redor do peji enquanto o mestre gaiteiro toca o membi¹³.

Após o ritual, as pessoas se acomodam no Terreiro e aguardam as falas iniciarem. Não há uma ordem predefinida, nem escolha das pessoas que falaram. Quem se sentir à vontade, geralmente pessoas mais velhas, vai à frente do peji, segura o jupago¹⁴ e compartilha suas experiências. A maioria das pessoas são agricultoras e estão relacionadas às atividades religiosas do povo, quer seja no Toré, na cura, na manipulação de plantas medicinais, entre outros. Assim, “quem lida diariamente com o sagrado Xukuru também lida com o sagrado das sementes plantadas no ‘coração da terra’” (Melo, 2019: 266), enfatizando que as atividades agrícolas estão intimamente relacionadas com o universo religioso do povo.

Esse é um dos momentos mais icônicos no calendário do povo Xukuru do Ororubá. Os saberes ali partilhados não estão escritos em lugar algum, apesar de alguns trabalhos científicos se referirem a partes do ritual. Advêm das vivências, das práticas e das falas, a chamada memória biocultural. “A transmissão desse conhecimento se faz pela linguagem, e é por isso que o *corpus* é geralmente um conhecimento não escrito. A memória, portanto, é o recurso intelectual mais importante para as culturas indígenas ou tradicionais” (Toledo & Barrera-Bassols, 2015: 72).

As experiências estão relacionadas principalmente a características da fauna e da flora, como a florada dos ipês, a presença de cupinzeiros e formigueiros, os ninhos de algumas árvores, dentre outras. Entretanto há também experiências relacionadas a observações do céu, sobretudo a barra do ano¹⁵, mas destacam-se também o calendário de Santa Luzia e a leitura da lua. Há práticas que são comuns aos camponeses do semiárido nordestino, com forte intercessão com formas populares do catolicismo, contudo o conjunto dessas ações é original e singular ao povo Xukuru.

A leitura da lua consiste em observar manchas no satélite, significando proximidade das chuvas. O calendário de Santa Luzia inicia-se a partir da data de celebração da santa (13 de dezembro) e se prolonga por doze dias, cada um representando um mês do ano. A leitura da

¹³ Instrumento de sopro feito geralmente de madeira do candeeiro que cadencia o Toré.

¹⁴ Cajado de madeira que já foi muito utilizado como arma e que hoje é usado para marcar as batidas do Toré.

¹⁵ É uma leitura do horizonte na madrugada do primeiro dia do ano durante 12 horas.

barra é uma experiência bastante comum no povo e partilhada por muitos/as indígenas no evento. Durante a virada do ano, alguns Xukuru vão a pontos altos do território, destacando-se a Pedra do Rei, e observam as primeiras doze horas do ano, correspondendo mais uma vez aos meses. As respostas obtidas nessa experiência são fundamentais para que alguns agricultores indígenas iniciem suas plantações.

É importante salientar como as narrativas advêm das memórias de infância e como essas memórias criam um arcabouço identitário para o povo, unindo-os através das práticas e das vivências, sendo até mesmo resistência frente às imposições, num pensamento que se coaduna às proposições de Pollak (1992). Ademais, o fato de existir hoje um encontro específico para compartilhar verbalmente os saberes pode indicar um esforço do povo Xukuru em reconstruir memórias que a opressão histórica aos seus modos de produzir desfavoreceu.

Se as memórias fomentam a identidade social, esta, por sua vez, fortalece a identidade territorial, o sentimento de vínculos com aquele espaço, palco de práticas culturais, relações e experiências (Haesbaert, 1999). Assim, os/as indígenas reafirmam a partir dos saberes e narrativas a indianidade concatenada ao território.

Outro ponto a se ressaltar nas falas é o aprendizado das experiências, como por exemplo “de noventa, de cem anos, eu já vi muitos morrerem e que eu peguei a experiência com eles”; “ah, foram ensinando. Meus avôs, meus bisavôs, que as experiências se davam pelos animais que são os sabedores da terra. Sabiam quando ia ser bom e sabiam quando ia ser ruim”; “eu tenho as experiências, nunca vou perder nossos ancestrais.”¹⁶.

São recorrentes as referências a pais e mães ou avôs e avós de quem os/as indígenas herdaram os saberes, não só por ensinamentos verbais, como também pelas vivências cotidianas na lida com a terra. “O saber tradicional é compartilhado e reproduzido por meio do diálogo direto entre o indivíduo, seus pais e avós (com vista ao passado), bem como entre o indivíduo e seus filhos e netos (com relação ao futuro) (Toledo & Barrera-Bassols, 2015: 94). Embora ali não fossem os filhos e netos dos que partilhavam seus saberes, pode-se entender como um conhecimento de uma geração anterior que é repassada para a geração seguinte, que assiste atentamente as falas e possui presença significativa no Terreiro.

Após as falas (geralmente entre 8 e 10), é feito outro ritual. Desta vez o objetivo é consagrar as sementes que foram levadas. Os pontos de Toré remetem a sementes e ao próprio evento. Em seguida, é feita a ingestão da jurema. Os participantes podem pegar as sementes

¹⁶ Registros de áudio feito em 27 de janeiro de 2019 no CAXO da Boa Vista

para casa e as plantar para que no evento seguinte “devolvam”. Por fim, é oferecido um almoço com alimentos plantados e/ou produzidos no CAXO da Boa Vista.

Conclusão

O Encontro de Sábios/as da Natureza se mostra como um momento ímpar de aprendizado e compartilhamento para o povo Xukuru do Ororubá. Além do mais, até mesmo os mais experientes aguardam o último domingo de janeiro para ouvir orientações para o plantio do ano.

As sementes marcam o recomeço de um ciclo. Escutam-se as falas, realiza-se o plantio, recolhem-se as sementes que serão apresentadas no ano seguinte para reiniciar o processo. Até mesmo o almoço feito a partir da produção local se encaixa na singularidade deste período.

As narrativas remetem aos antepassados, às comidas deles, aos modos deles plantarem e se relacionarem com a natureza. São essas memórias que mantêm a coletividade e fortalecem os vínculos identitário neste território, e mais, reavivam as histórias de luta nas retomadas, assim como os modos específicos de relação com as forças da natureza. Tudo isso ocorrendo num espaço sagrado de orientação e que é basilar nas demais práticas do povo.

Referências Bibliográficas:

- ARAÚJO, André Luiz de Oliveira. 2013. *Una mirada agroecológica en la pisada Xukuru do Ororubá: um presente de posibilidades*. Dissertação (Maestría en Agroecologia). Sevilla: Universidad Internacional de Andalucía.
- ARAÚJO, Marli Gondim de; SOUZA, Tiane Araújo de Paiva e. 2018. *A sabedoria tradicional originária indígena: encontro de sábios e sábias e previsões para a agricultura Xukuru*. Cadernos de Agroecologia, vol 13(1): 1–6.
- BRUNO, Fernanda; MARTINS, Karla Patrícia Holanda. 2008. *Profetas da Natureza: ver e dizer no sertão*. Intexto, vol 18 (1): 1-12.
- CUNHA, Euclides. 2018 [1902]. *Os sertões*. Barueri: Ciranda Cultural.
- DANTAS, Mariana Albuquerque. 2015. *Dimensões da participação política indígena na formação do Estado Nacional brasileiro: revoltas em Pernambuco e Alagoas (1817-1848)*. Tese (Doutorado em História). Niterói: Universidade Federal Fluminense.
- DELGADO, Lucília de Almeida Neves. 2006. *História oral: memória, tempo, identidades*. Belo Horizonte: Autêntica.
- FIALHO, Vânia; NEVES, Rita de Cássia Maria; FIGUEIROA, Mariana Carneiro Leão (Orgs.). 2011. *"Plantaram" Xicão: Os Xukuru do Ororubá e a criminalização do direito ao território*. Manaus: PNCSA-UEA/UEA Edições.

- GRÜNEWALD, Rodrigo de Azeredo. 2005. *As múltiplas incertezas do toré*. Em _____. Toré: regime encantado do índio do Nordeste. Recife: FUNDAJ, Editora Massangana, pp. 13-38.
- HAESBAERT, Rogério. 1999. Identidades Territoriais. In: ROSENDAHL, Zeny; CÔRREA, Roberto Lobato (Orgs). *Manifestações da cultura no espaço*, pp. 169-247. Rio de Janeiro: EDUERJ.
- LIMA, Clarisse Martins. 2017. *Tempo e qualidade na Vila de Cimbres: uma abordagem etnografia da (contra)mistura*. R@U: revista de antropologia da UFSCAR, vol 9 (2): 87-107.
- MEDEIROS, Maria do Céu. 1993. *Igreja e dominação no Brasil escravista: o caso dos Oratorianos de Pernambuco 1659-1830*. João Pessoa: Idea.
- MELO, Constantino José Bezerra de. 2019. *O ritual sagrado: a religião indígena do povo Xukuru do Ororubá (Pesqueira e Poção/PE)*. Tese (Doutorado em Ciências da Religião). Recife: Universidade Católica de Pernambuco.
- ORDÔNIO, Iran Neves; VIEIRA, João Luiz da Silva; MACIEL, Caio Augusto Amorim. 2019. *O Coletivo Indígena Jupago Kreká na promoção da agricultura do sagrado no espaço CAXO Da Boa Vista, Pesqueira-Pe*. Trabalho apresentado no IX Seminário Internacional de Geografia Agrária, Recife-PE.
- ORORUBÁ FILMES. 2020. *Cartas das Assembleias Xukuru do Ororubá*. (<https://sites.google.com/view/ororubafilmes/arquivos-para-baixar?authuser=0>; acesso em: 19/08/2020).
- PACHECO DE OLIVEIRA, João. 2004. *A viagem de volta: etnicidade, política e reelaboração cultural no Nordeste indígena*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Contra Capa.
- PACHECO DE OLIVEIRA, João. 2011. *A presença indígena no Nordeste: processos de territorialização, modos de reconhecimento e regimes de memória*. Rio de Janeiro: Contra Capa.
- PENNESI, Karen Elizabeth. 2007. *The predicament of prediction: rain prophets and meteorologists in Northeast Brazil*. PhD. Dissertation. Tucson: University of Arizona.
- PENNESI, Karen; SOUZA, Carla Renata Braga de. 2012. *O Encontro Anual dos Profetas da Chuva em Quixadá, Ceará: a circulação de discursos na invenção de uma tradição*. Horizontes Antropológicos, ano 18, vol 38: 159-186.
- PINTO, Estevão. 1935. *Os indígenas do Nordeste: introdução ao estudo da vida social dos indígenas do Nordeste brasileiro*. São Paulo: Nacional.
- PINTO, Estevão. 1938. *Os indígenas do Nordeste: organização e estrutura social dos indígenas do Nordeste brasileiro*. São Paulo: Nacional.
- POLLAK, Michael. 1992. *Memória e identidade social*. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol. 5(10): 200-212.
- PORTO ALEGRE. 1993. *Aldeias indígena e povoamento no Nordeste no final do século XVIII: aspectos demográficos da 'Cultura de Contato'*. Em DINIZ, Eli; LOPES, José Sérgio Leite; PRANDI, Reginaldo (orgs.). *Ciências Sociais Hoje*, pp. 195-217. São Paulo: HUCITEC.
- SAQUET, Marcos Aurelio. 2019. *Saber popular, práxis territorial e contra-hegemonia*. Rio de Janeiro: Consequência;

SILVA, Edson. 2007. *História, memórias e identidade entre os Xukuru do Ororubá*. Tellus, vol 1: 89–102.

SILVA, Edson. 2008. *Xukuru: memórias e história dos índios da Serra do Ororubá (Pesqueira/PE), 1950-1988*. Tese (Doutorado em História). Recife: Universidade Federal de Pernambuco.

SOUZA, Vânia Rocha Fialho de Paiva e. 1992. *As fronteiras do ser Xukuru: estratégias e conflitos de um grupo indígena no Nordeste*. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

TADDEI, Renzo Romano. 2005. *Of clouds and streams, prophets and profits: the political semiotics of climate and water in the Brazilian Northeast*. PhD. New York: University of Columbia.

TADDEI, Renzo Romano. 2006. *Oráculos da chuva em tempos modernos: mídia, desenvolvimento econômico e as transformações na identidade social dos profetas do Sertão*. Em MARTINS, Karla Patrícia Holanda (org.). *Profetas da Chuva*, pp. 1-11. Fortaleza: Tempo D'Imagem.

TOLEDO, Victor M.; BARRERA-BASSOLS, Narciso. 2015. *A memória biocultural: a importância ecológica das sabedorias tradicionais*. São Paulo: Expressão Popular.